

## Histórico da Escola de Aprendizes do Evangelho à Distância

**Neste mês em que a Aliança faz 30 anos, vamos contar como começou esta importante frente de trabalho.**

Ana Suely - C.E. Evangélica Cáritas.

A história da EAE a Distância confunde-se com a nossa história, pois ao acreditarmos na programação das Escolas como instrumento de impulso na melhora do mundo sofríamos ao ver pessoas ligadas ou propensas ao espiritismo não terem acesso a esse recurso redentor. Na época, a Aliança contava com poucas Casas e, lógico, muitos e muitos lugares a serem atendidos.

Assim surgiram familiares e amigos nossos que se interessaram, ou melhor, necessitavam profundamente do impulso redentor, mas não tinham como frequentar uma EAE. Sofrendo por ter que lhes dizer não, lembramos, como se o plano espiritual maior puxasse uma ficha de um arquivo em nossa memória, de um livro que havíamos lido em nossa infância, onde o personagem dedicou sua vida, ao aposentar-se, em oferecer curso de mecânica por correspondência para todo o mundo, auxiliando muitas pessoas. Na ocasião achei desperdício, pois sentia muito a necessidade de alguém que ensinasse a gente a viver, pois onde morávamos havia muita carência. Era isso! Bastaria unir a necessidade e estudo de agora com a sugestão de antes. Ao invés de mecânica ensinar o evangelho e também por todo o mundo.

Éramos em seis pessoas e tínhamos acabado de fundar a Casa Espírita Evangélica Cáritas. Em 1982, ao apresentar aos companheiros a idéia traçamos imediatamente sugestões, soluções e caminhos. O entusiasmo era contagiante. Principalmente porque pretendíamos sugerir alterações na programação. Mas o primeiro passo era consultar a diretoria que na época era representada pelo Jacques Conchon.

Com o coração aos saltos, o ouvimos quase sem acreditar: "Trata-se de uma lacuna existente, um tra-

balho necessário, podem começar. Mas alerta que não é fácil, já houve uma iniciativa, mas não sei porque não foi adiante. Desejo boa sorte e persistência a vocês".

Sáimos com sentimentos conflitantes, entusiasmo em realizar um sonho, receio dos obstáculos, preocupações em como fazer. Muitas dúvidas invadiram nosso cérebro, que fervilhava. Como resolver a caravana, caderneta, temas e os exames! Desistir? Não! Nunca. A sorte estava lançada.

Não pensávamos em outra coisa. Todo nosso tempo era para pensar e redigir modelos, que os companheiros deveriam avaliar. Muitas vezes acordávamos de madrugada com idéias de como fazer.

Quando terminamos os últimos exercícios, aconteceu algo marcante: perdemos os rascunhos. Seria mais econômico refazer, mas não conseguimos. Oramos e procuramos, aguardamos até encontrá-los. Em uma atividade da Casa, uma entidade se despediu dizendo que a tarefa dela foi inspirar-nos na elaboração dos exercícios, agora eram só adequações. Ficou bem claro que o nosso trabalho era apenas braçal. Ah! As alterações na programação, não aconteceram porque a cada passo percebíamos a grandeza, a profundidade e a perfeição dela para o seu objetivo de conduzir e acelerar a redenção do homem.

Toda a tarefa foi realizada por três dos seis trabalhadores: Inez cuidava de desenhar à mão, com tinta nanquim, os formulários e artisticamente da aparência e apresentação do material; Maria Hortência datilografava, elaborava textos de suporte e cuidava da gramática e eu na elaboração dos exercícios e dirigia os alunos. Um avaliava a tarefa do outro.

Os passos iniciais foram abrir uma caixa postal, divulgar o traba-

lho no jornal "A Folha Espírita" aguardar, trabalhando calmamente, os resultados. Em dois meses chegaram mais de cem cartas durante anos ainda recebíamos contatos se referindo a este anúncio.

Tivemos a noção do compromisso da palavra escrita. Acabou sossego, tínhamos que produzir exercícios para o mês e ainda atender os alunos. Sentimos um certo alívio quando os primeiros alunos desistiram. Tínhamos 30 aulas prontas, poderíamos ir mais devagar. Mas o plano maior nos empurrou com a chegada do aluno Vladimir, que fizera até a aula 40 e desistira dar continuidade. Assumimos o desafio e trabalhamos em dobrado para atendê-lo. Graças a ele, concluímos os exercícios das aulas. Ele ingressou na FDJ pelo Núcleo Espírita Ismael, de Sorocaba.

Fizemos também um encontro em 1984 com 20 alunos da Escola Distância com o intuito de repeti-los a cada seis meses. Contamos com Jacques Conchon, que fortaleceu e muito o grupo, mas a idéia dos encontros não deu certo.

A EAE a Distância também requeria muita divulgação. Por esta razão, passamos a frequentar reuniões onde conhecemos o Diógenes, do Grupo Espírita Fraternidade de que comprou um computador para nos ajudar, pois usávamos máquina de escrever. Fizemos um material misto com os dois recursos. Conhecemos também o Salvador, da Regional Vale do Paraíba que dividiu o trabalho conosco, ambos permanecem até hoje.

Duas trabalhadoras da Casa Cáritas se afastaram, uma por grave problema de saúde e outra por mudança de cidade. Ficamos eu e Diógenes, portanto duas Casas envolvidas na tarefa de elaboração e melhoria do material. Quando então decidimos fazer a segunda edição